

Iphan deixa questão sonora a cargo da prefeitura

O superintendente do Iphan, Carlos Amorim, afirma que a avaliação da resistência da edificação às vibrações causadas pelos shows musicais no Museu do Ritmo não é da alçada do Iphan. “Essa avaliação deverá ser feita pela prefeitura que é quem licencia as atividades, com possível apoio do Crea”, diz. Por isso autorizou a restauração do prédio condicionada aos critérios a serem analisados pela Prefeitura de Salvador.

O Mercado do Ouro, fundado em 1879, recebeu este nome por conta da região que era conhecida como Cais do Ouro. De vários bairros da cidade partiam os clientes em busca da oferta variada de produtos como ervas, frutas, verduras, cereais e demais especiarias que chegavam pelo mar. Com o aterramento feito no século XX a região foi perdendo a importância como centro comercial e há algum tempo vem sofrendo as consequências do abandono.

Transtornos

Há, pelo menos, 11 anos na administração da distribuidora Super Reis – voltada para o comércio de produtos de panificação – o gerente Sérgio Luiz Santos sabe o que isso significa. Transtornos causados por problemas na estrutura do prédio são constantes. “Nós colocamos piso e fizemos reparos nas paredes. Pagamos cerca de R\$ 2 mil pelo aluguel e o dono não faz melhorias”. No interior do imóvel, sinais de deterioração na rede elétrica e estrutural como fiações expostas, paredes mofadas e com fissuras.

Em outro boxê, no Restaurante Recanto da Tonha, os reparos começarão na próxima semana. “A parede vive mofada e com limo. Estamos aqui há sete anos e temos que gastar para não espantar os clientes”, disse a proprietária Cristiane Oliveira Silva.

Sobre o mercado, o comerciante Olimpo Gonçalves é enfático: “Nunca fui a uma festa aí dentro. Devia ser melhor cuidado, está abandonado. Botaram o telhado há dois meses, mas ainda cai reboco. Tinha goteira”, disse Gonçalves que paga R\$ 1.750 de aluguel (com IPTU).

COLABOROU MEIRE OLIVEIRA